

## Santo Estêvão de Bastuço

BASTUÇO, orago Santo Estêvão, era uma vigararia da apresentação do Reitor do Colégio de Santo Agostinho de Lisboa (Graça).

A palavra *Bastuço*, segundo Vilas Boas Sampaio, vem de *bastianos*, povos a que se referem Plínio, Strabão e Ptolomeu e segundo o P.e António Gomes Pereira vem de *basto*, talvez das muitas árvores, mato ou urzes que ali havia. Pinho Leal diz que *Bastuço* no português antigo significa *bastinho*.

Esta freguesia encontra-se em um vale fértil, que se estende desde a freguesia de S. Julião de Passos, comarca de Braga, até às de Cambeses e Sequiade, na encosta nascente do monte de Airó.

Ao poente elevam-se os altos cabeços deste monte, sendo o seu ponto mais elevado a Cumieira, donde se disfruta o mais amplo e belo panorama que se pode imaginar. Braga, Barcelos, todo o vale do Cávado desde os desfiladeiros do Gerez até à sua foz, o vale do Este até Vila do Conde e o mar em uma enorme extensão até ao monte do Faro em Esposende se desenrolam à nossa vista em uma grande fita cinematográfica.

Aos nossos *alpinistas* que tenham pernas e coragem para subir até lá ao cimo recomendamos-lhes esta excursão.

No alto do monte de Airó estende-se uma grande esplanada, semeada de pequenos outeiros, onde vêm confinar três freguesias: a de Sequiade e as duas de Bastuço, São João e Santo Estêvão.

Nos limites desta freguesia com a de Encourados, sobranceiro a esta, existe o sítio conhecido pelo nome de Castro, encontrando-se ainda ali vestígios de construções antiquíssimas.

Pinho Leal diz que « antigamente foi vila (e alguns até sustentam que foi cidade).

O P. M. Argais lhe chama vila de Pena Fiel; Auberto lhe dá o título de cidade. É verdade que no sítio onde pretendem que ela existiu há grandes montões de pedras que já serviram em grandes construções e vários alicerces, ocupando uma vasta área, o que prova houve aqui uma extensa povoação».

A estes vestígios de habitações humanas o povo destas redondezas lhe chama *casas dos mouros* e a umas covas feitas nas pedras que ainda ali se vêem as baptizou com o nome de *tijelas onde eles comiam o caldo l*

Pobres árabes que se aqui estiveram foi só de passagem ou com pouca demora, mas a ignorância popular tem sempre a tendência de lhes atribuir tudo o que de bom ou mau pertenceu aos outros povos que nestas terras anteriormente se fixaram.

Esta povoação parece ir buscar a sua origem, a não ser mais remotamente, a algum castro que ali existisse.

O nome de Castro, por que ainda hoje é conhecido o lugar, o parece indicar.

Neste monte e nesta parte mais próxima do Cávado devia ter existido algum castro romano para vigiar e assegurar as comunicações pelo rio desde a costa onde aportavam as naves com a importante e florescente cidade de Bracara Augusta.

Não custa pois a acreditar que este castro desse origem ou que perto dele se fundasse a vila ou cidade de Pena Fiel de Bastião, de Bastião alusivo talvez ao castelo a que alguns antigos chamam bastião.

Em um cabeço deste monte ao poente, nos limites de Bastuço e da freguesia de São Jorge de Airó, sobranceiro a esta, estão uns penhascos junto dos quais ainda hoje se vêem vestígios de antigas construções; era ali, segundo reza a tradição, o castelo de Penafiel, sede do julgado do mesmo nome.

Este castelo foi um dos baluartes da linha de defesa da vila de Barcelos.

Esta vila, povoação aberta até ao século de quatrocentos, era porém defendida por quatro castelos, colocados em duas linhas paralelas; ao norte pêlos de Neiva e Aguiar, ao sul pelo de Faria e ao nascente pelo de Penafiel.

Não se sabe a época da fundação desta vetusta fortaleza medieval, nem tão pouco ao certo a do seu desaparecimento.

Aparece-nos sim já nos primórdios da nossa nacionalidade entregue à guarda de personalidades importantes, sem contudo nele se ter dado qualquer facto guerreiro que a notabilizasse, a não ser a vaga referência da sua tomada aos mouros por um ascendente da família Vilas Boas de Airó.

Os primeiros senhores deste castelo de que temos notícia foram: Mendo Nunes de Pena-Fiel, Rico Homem do tempo do conde D. Henrique, e Hermígio Moniz, no governo da rainha D. Tareja e de seu filho D. Afonso Henriques (1).

(1) Em alguns Forais que o conde D. Henrique e a rainha D. Tareja dão a várias terras, confirma Mendo Nunes de Pena-Fiel

O castelo de Penafiel encontra-se em documentos oficiais na confirmação e ampliação do couto de Braga que D. Afonso Henriques fez ao arcebispo D. Paio Mendes, quando rompeu as hostilidades contra sua mãe na primavera de 1128—«insuper dono atque concedo sancte marie Bracarensi et tibi tuisque successoribus castellum quod dicitur penna fidelis» (1).

As dissidências entre o clero e o rei, que vinham já de D. Afonso II, das leis da desamortização de 1211, agravaram-se com D. Sancho II que revalidou e ampliou aquelas leis, sendo nesta ocasião, como sempre, o clero defendido e apoiado pelo Papa, que expediu bulas ameaçando pôr interdito nos lugares onde o rei estivesse, se ele não cedesse às suas imposições.

Um dos prelados que mais se salientou nesta luta contra o rei foi o bispo do Porto D. Pedro Salvadores, auxiliado pelo arcebispo de Braga D. Silvestre Godinho.

O rei, amedrontado com as excumunhões papais, submeteu-se e entrou em acordo com aqueles prelados.

De facto em 26 de Novembro de 1238 foi assinada em Guimarães a concordata ou escambro entre D. Sancho II e o arcebispo D. Silvestre Godinho pela qual o rei deu ao arcebispo a Igreja de Ponte do Lima, a de Touguinhó, os coutos de Goivães (Sabrosa) e Pedralva (Braga) e muitos bens em Adaufe (Vila Real) e recebeu

e na doação que a rainha D. Tareja e seu filho D. Afonso Henriques fazem em 1110 a D. Anião da Estrada do castelo de Gois, confirma Hermígio Moniz, ambos senhores do Castelo de Pena-Fiel — Corog. Portug. do P.' Carvalho, vol. I, pág. 280.

(1) Alexandre Herculano — História de Portugal — Mons. J. Augusto Ferreira — Fastos Episcopais da Igreja Primacial de Braga, vol. I, pág. 267.

em troca a renúncia do privilégio de moeda, os direitos nas Igrejas do padroado real do arcebispado concedidos por D. Afonso Henriques, e a entrega ao rei do castelo de Pena-Fiel de Bastuco.

Este castelo que estava no senhorio dos arcebispos desde Maio de 1128, ano em que foi doado a D. Paio Mendes, como dissemos, reentrou no senhorio real neste ano de 1238.

O senhorio de Penafiel foi mais tarde incorporado na casa de Bragança com o título de condado.

Por carta de 5 de Fevereiro de 1372 (e. C. 1410) o julgado de Penafiel de Bastuco, a rogo de D. Afonso Telo, 4.º conde donatário de Barcelos, foi dado por termo ao concelho de Barcelos, e pelas reformas administrativas do liberalismo parte das freguesias que constituíam este julgado ficaram a pertencer ao concelho e comarca de Barcelos e as restantes passaram para Braga.

A Igreja Paroquial desta freguesia é um templo baixo, modesto, de arquitectura muito simples, cercado de adro com uma porta de serventia, que era fechada por uma cancela.

Ao lado esquerdo da sua fachada ergue-se um pequeno torreão para dois sinos e um pouco mais atrás, do mesmo lado, a sacristia.

Entre esta e o torreão, encostada à Igreja, está uma modesta sepultura rasa cuja tampa contém os seguintes dizeres: P.<sup>e</sup> Feliciano Borges, filho de Tomé António Gomes e de Ana Maria Borges, n. em Martim e f. I-V-1930 em Bastuço.

Foi pároco durante muitos anos nesta freguesia.

Dentro o templo é pobríssimo e a sua capela-mor denota ser mais antiga do que o resto do edifício.

Os seus cinco altares são em talha singela, sendo o altar-mor reformado há uns cinquenta anos.

Os tectos são em madeira pintada e o baptistério é simples, mas antigo.

O Cruzeiro Paroquial está em um pequeno largo no cruzamento de caminhos perto da Igreja; formado por uma alta coluna com capitel coríntio, tendo na cruz virada à Igreja a imagem da Virgem gravada em pedra e do lado oposto a de Cristo crucificado.

Na base dessa coluna em uma das faces tem a data — 1718 — e na outra a seguinte inscrição: «JULIAO FRC.º», nome da pessoa que o mandou fazer.

O Cemitério Paroquial foi construído em 1931 e já se enterra nele, não obstante estar sem portão nem gradeamento.

A Residência Paroquial, quase em ruínas, está inhabitável.

Há nesta freguesia os seguintes Nichos ou Alminhas: as da Agrela, que tem a inscrição « ANNO 1903»>, e as da Laranjeira.

Entre as freguesias de S. João e a de Santo Estêvão existiu antigamente uma outra freguesia: a de São Paio de Bastuço, que no século XVI era em população pouco inferior a esta última, pois pelo censo da população de 1527 tinha 16 moradores.

No século XVII já não tinha vida própria: a Corografia Portuguesa do P.º Carvalho a ela se não refere, bem como no século XVIII o Portugal Sacro e Profano.

Parece que em vista disso a sua anexação a Santo Estêvão devia ter-se dado entre 1527 e o século XVII.

É provável, porém, que a sua Igreja Paroquial ficasse servindo de capela pública durante muito tempo.

No lugar de S. Paio, onde dizem que ela existiu, ainda se vê um velho e ressequido cipreste que devia ter sido plantado no adro daquela igreja.

A freguesia de Santo Estêvão de Bastuço está situada na bacia orográfica do Cávado e é banhada pelo

ribeiro que nasce no sítio de Levandeiras e vai ao Labrioste, que passa na Pousa e é afluente do rio Cávado. É servida pela Estrada Municipal que da Distrital n.º 29 de Esposende a Braga vem até aos limites desta freguesia com a de S. Julião de Passos, do concelho de Braga.

Tem as seguintes fontes públicas: a de Bastuço, a d'Aval, a do Lourinho, a d'Agre!a, a do Ribeiro, e a de Levandeiras.

Confronta esta freguesia pelo norte com a de Encourados, a de Martim e a de S. Julião de Passos, esta do concelho de Braga, pelo nascente com a de Tadam, do concelho de Braga, pelo sul com a de S. João de Bastuço e Sequiade e pelo poente com a de Sequiade e a de S. Jorge de Airó.

A sua população no século XVI era de 17 moradores; no século XVII, era juntamente com a de S. João, de 32 vizinhos ; no século XVIII era de 62 fogos; no século XIX era de 251 habitantes, e pelo 7.º censo de População, é de 249 habitantes, sendo 108 varões e 141 fêmeas, sabendo ler 52 homens e 16 mulheres.

Não tem Escola Oficial.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Agrela, Cruzeiro, S. Paio, Fonte, Monte, Bouços, Ribeiro, Vale, Paço, Cruz de Vilar, Covelo, Levandeira, Broucelho, Sourinho e Fagilde.

As suas casas mais importantes são: a de S. Paio, a de Coucheiro, a do Marinho, a do Laranjeira, a do Cruzeiro, a da Agrela e a do Paço.

Tem uma loja de mercearia e Caixa do Correio. Corre por aqui ainda a lenda das moiras encantadas e tesouros escondidos, habitando aquelas o alto do monte.

Disse-nos uma velha muito velha, que estava sentada à porta da sua casa quando subíamos a encosta, que se fôssemos lá ao cimo, ao Penedo da Era, e déssemos *um*

*barrégo* a moira com voz desfalecida responderia como num gemido.

Despertada a nossa curiosidade pelo nome do penedo, fomos lá, mas não vimos qualquer era, nem gravada nem viçosa, em tal penedo e a pobre da moira não se dignou responder ao nosso chamo; talvez estivesse auzente, a assoalhar as suas roupas e as suas meadas de oiro, lá mais para o alto aos raios oblíquos do sol poente.

Deixemos, porém, viver o nosso povo nessa sua inofensiva crença.